

O amor feito ajuda material

A esmola nos Padres da Igreja

ALEXANDRE FREIRE DUARTE*

Resumo: Este estudo visa apresentar, quer as diferentes fundamentações teóricas da prática da esmola, quer as distintas recomendações para tal prática, conforme ambas surgem nos textos dos Padres da Igreja que foram escritos, aproximadamente, até meados do séc. V. Neste sentido, o presente trabalho surge dividido em quatro secções principais. Numa primeira, o autor apresenta os alicerces bíblicos da teorização patristica da esmola naquele arco temporal. Na segunda secção, são referidas aquelas que podem ser tidas como as duas molduras gerais em que tais teorizações, e inerentes orientações práticas, podem ser enquadradas. Terceiramente, são referidas as mutações que aconteceram no que concerne à esmola face à crescente cristianização do Império Romano. Por fim, é elencada a articulação existente entre a prática da esmola, tal como pensada e incentivada pelos Padres, e a (auto-)identificação cristã.

Palavras-chave: esmola; Padres da Igreja; identidade cristã; perdão pós-batismal; justiça.

* Doutor em Teologia pela Universidad Pontificia Comillas (Madrid). Especialista em Teologia Espiritual e Mística. Docente nestas áreas na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e no Centro de Cultura Católica do Porto. Membro integrado do CEHR-FT. Endereço de correio eletrónico: afduarte@porto.ucp.pt

Abstract: This study aims to present the diverse theoretical foundations of the practice of almsgiving, as well as the different practical procedures for that same practice, as they are manifest in the texts of the Fathers of the Church that were written, approximately, until the middle of the Fifth Century. Considering this, the present work is divided into four main sections. In the first of these, the author presents the biblical foundations of patristic theorizing of almsgiving in that chronological framework. In the second one, the author mentions the two wide-ranging structures in which such theorizations, and inherent practical orientations, can be framed. Thirdly, the focus will be placed in the mutations that occurred concerning almsgiving in consequence of the increasing Christianization of the Roman Empire. Finally, the author turns his attention to the connection between the practice of almsgiving, as envisaged and encouraged by the Fathers, and Christian (self-)identification.

Keywords: almsgiving; Fathers of the Church; Christian identity; post-baptismal forgiveness; justice.

«Aquele que dá esmola em conformidade com Deus não
faz distinção entre os necessitados perversos e os virtuosos.»
Máximo o Confessor – *Centúrias acerca da Caridade*

Introdução

Em finais de janeiro e inícios de fevereiro de 2018 realizou-se, na Universidade Católica no Porto e fruto do grande empenho de diversas pessoas, uma nova edição das Jornadas de Teologia, dedicadas, nessa ocasião, às "Metamorfozes da Caridade". Como tem sido comum nos últimos anos, tais jornadas voltaram a estar conscientemente voltadas para o serviço, quer do Povo de Deus em geral, quer do clero da Diocese portuense em particular. Também por causa desta realidade, tão querida ao nosso imensamente estimado bispo António Francisco dos Santos e a nós mesmos, foi um enorme gosto termos sido convidados a participar em tais jornadas, no caso presente com uma intervenção dedicada ao tema da esmola dos Padres da Igreja. O presente estudo é o resultado da transformação de tal intervenção num texto que, a pedido de diversas pessoas que conversaram connosco após aquelas jornadas, fosse tão fiel ao por nós comunicado, quanto compreensível como o mesmo.

Será, em consequência da preocupação por nós anteriormente referida, este presente ensaio um texto de teologia? Não sabemos. Até há alguns meses diríamos inequivocamente que sim, pois sempre contactámos com imensas

formas de fazer e escrever teologia. Contudo, depois de termos assistido a uma deslocada aula magistral de um, por si mesmo estimado como magistral, teórico da teologia, deixámos de ter tantas certezas. Seja como for, este estudo será, pelo menos e cremos que ninguém o poderá negar, um texto. Se será, ou não, um texto de teologia, deixaremos que outros se pronunciem sobre isso.

Tendo em consideração também, mas não só, a mais justa apreciação de quem se quiser dedicar a tal ponderação, também é de salientar, como já fizemos noutro nosso ensaio, que este presente trabalho, embora seja sobre uma das vertentes do pensamento dos Padres da Igreja, não é realizado por alguém formado na área da teologia patrística. Com efeito, formámo-nos em espiritualidade e mística. Será que isto implicará algo de transcendental para a análise daquela vertente e a qualidade de tal ponderação? A realidade é que também não sabemos bem o que dizer acerca disto. De qualquer modo, algo podemos tentar aduzir, trazendo para aqui o que dissemos há uns meses, quando nos perguntaram, pouco depois da publicação daquele trabalho, exatamente isso.

Nesse envelhecer do verão de 2017, estávamos ler uma tradução para português do elucidativo e divertido *The Greeks* de Humphrey Kitto, e uma imagem avançada por este, para comparar a relação entre o grego antigo e a *polis* e um típico inglês (de meados do séc. XX) e a *town*, pareceu-nos imensamente adequada para responder àquela pergunta. Segundo Kitto¹, o grego antigo passava o seu tempo numa vida cosmopolita, andando de lugar em lugar na *polis*, indo até ao campo apenas para cuidar de alguma tarefa que necessitasse de ser empreendida. Já o típico inglês passava os seus dias a cuidar do seu campo e depois disso, não tivesse de ir à *town* por alguma necessidade extrema para aquele cuidar, dedicava-se à encantadora tarefa de se debruçar sobre a cancela do pequeno jardim de sua casa a ver quem eventualmente pudesse passar em frente do mesmo.

Numa analogia muito imperfeita com esta comparação avançada por Kitto, dissemos naqueloutra ocasião, e podemos agora voltar a dizer, que o especialista em espiritualidade que se volta sobre algum aspeto da patrística é como o grego antigo, e o patrólogo que, aqui e ali, se dedica a algum tema de espiritualidade é como o inglês de meados de novecentos. Ou seja: quem se forma em espiritualidade é alguém que, pela especificidade e meta da teologia espiritual, anda um pouco por todos os locais da *polis* teológica, da teologia bíblica à teologia fundamental passando pela história da Igreja, e apenas se centra, específica e momentaneamente, nesta ou naquela temática

¹ Cf. KITTO, H. D. F. – *Os Gregos*. 3.ª ed. Coimbra: Arménio Machado, 1990, p. 113s.

por necessidade de cuidar da mesma, regressando, logo que possível, ao seu girovagiar vocacional.

Com isto posto em cima da mesa com toda a transparência, convém ainda fazer notar, nesta "Introdução", mais alguns aspetos para a melhor compreensão do que, em breve, passará a ser apresentado. Tais aspetos serão elencados de um modo esquemático, não só para imprimirmos uma maior leveza visual a estas nossas presentes palavras, mas igualmente para que os mesmos sejam mais facilmente apreendidos. Assim sendo, temos que:

- i) em primeiro lugar, não cobriremos, neste estudo sobre a esmola nos Padres da Igreja, todo o arco temporal patrístico (que vai, sensivelmente, de meados do séc. I a meados do séc. VIII), antes ficaremos pelo começo da segunda metade do séc. V. E isto, não só por, como já aduzimos, nos terem pedido para nos limitarmos o mais possível ao que apresentámos nas já mencionadas Jornadas de Teologia, mas também porque, acaso o intentássemos, acabaríamos por tornar o nosso ensaio demasiado extenso para poder ser publicado como um artigo na revista *Humanística e Teologia*;
- ii) depois, não seguiremos, na nossa exposição, uma ordenação estritamente cronológica do pensamento de cada Padre que sabíamos, e fomos apurando, que havia tratado com relevo o tema da esmola, antes faremos uma sistematização pessoal daquelas que nos pareceram as duas molduras mais globais em que poderiam ser inseridas as suas reflexões;
- iii) em terceiro lugar, em vez de nos apegarmos a um comentário a textos patrísticos ou a estudos secundários sobre o tema deste trabalho, tudo o que viermos a apresentar será essencialmente decorrente da nossa leitura de, e reflexão direta sobre, aqueloutros textos. E isto, por mais que venhamos a ter o cuidado de orientar, quem vier a contactar com este ensaio e com elementos constantes na bibliografia, para alguns daqueles estudos que tivemos a vontade e o ensejo de ler (sobretudo na biblioteca da Universidad Pontificia Comillas), com a intenção de polirmos alguns aspetos, menos exatos ou não tão aprofundados, das nossas opiniões;
- iv) penultimamente, não colocaremos, além de quatro em cada um dos dois subcapítulos do segundo capítulo deste trabalho, muitas citações de, ou referências para, obras patrísticas, sendo que, quando acharmos aqueloutras muito relevantes, colocaremos as ditas tão-somente em rodapé, denominando-as, quer aqui, quer no corpo de texto, quer

na bibliografia, segundo um seu título em português para que este seja mais facilmente perceptível aos nossos futuríveis leitores;

- v) por último, tentaremos escrever um texto que, em vez de ser autorreferencial e assim talvez levasse os seus eventuais leitores a quererem ficar pelo mesmo, pudesse levá-los a desejar contactar com os, infinitamente mais fascinantes e pertinentes, textos patrísticos em que nos baseámos para a elaboração deste ensaio.

Para findarmos esta "Introdução", gostaríamos de deixar patente um desejo muito pessoal que, na nossa opinião, será o que porventura mais aproximará este trabalho do que sempre deveria ser a verdadeira teologia enquanto arte e ciência do amor acolhido, reconhecido e retribuente. A saber: que o mesmo possa ser, consequência igualmente e a seu tempo de uma breve troca de palavras com Dom António Francisco dos Santos, uma pequena homenagem à grandeza da humilde bondade deste nosso, ainda mais agora que está vivíssimo no Pai, pastor e guia.

1. Os contextos de uma temática

Para começarmos do modo mais ajustado um trabalho com um tema como o presente, não podemos senão dar a nossa atenção aos enquadramentos fundamentais em que tal tema surgiu. Em concreto: por um lado, as bases bíblicas da temática da esmola e os seus prolongamentos, e, por outro lado, as mutações culturais, sobretudo devido ao impacto social do Cristianismo, a respeito dessa mesma temática. E isto, em ambos os casos precedentes, face à relação existente entre "rico"/"riqueza" e "pobre"/"pobreza", bem como às suas interpretações.

Com efeito, o pretendemos falar a respeito da esmola nos Padres da Igreja, enquanto prolongamento e aprofundamento incarnado da noção bíblica acerca da mesma, deve, desde logo, levar-nos a olhar para alguns dos textos bíblicos que os Padres mais usaram nas suas ponderações, usualmente mais estritamente pastorais do que teóricas, a respeito do que nós denominámos, no título deste trabalho, *"amor feito ajuda material"*.

Neste sentido, é de capital importância salientarmos que a interpretação realizada por aqueles, a respeito da natureza e da finalidade da esmola, não teria sido possível sem o uso, por parte dos mesmos, do que se denomina *Septuaginta* ou *LXX*. Isto é, do conjunto, por um lado, das traduções para o grego de textos hebraicos do que hoje designamos como "Antigo Testamento", e, por outro lado, de textos deste que terão sido escritos originalmente neste

idioma e que, a partir de fins do séc. I da era cristã e num contexto também já anticristão, não foram aceites pelos nossos irmãos judeus como inspirados. Tal aduzido uso da *Septuaginta* foi levado a cabo mediante o recurso a manuscritos deste texto, quer no idioma grego original da mesma, quer em língua latina, provindo aqueles, neste caso, das sucessivas traduções para latim que da *Septuaginta* foram sendo feitas, até se ter chegado à relevantíssima, sobretudo para as comunidades ocidentais da Igreja Antiga, *Vulgata* de Jerónimo de Stridon.

A este facto, e ainda a respeito da importância da *Septuaginta* para os Padres da Igreja, deve associar-se a consideração de que os próprios textos que farão parte do que acabará por ser conhecido como o "Novo Testamento", e que marcarão ainda mais as obras dos Padres também no que concerne ao tema da esmola, são profundamente dependentes dos *LXX*. Embora já não se possa dizer, nos nossos dias e tendo-se em atenção os avanços nos conhecimentos a respeito da composição das obras neotestamentárias, que estas dependem estritamente da *Septuaginta*, o seu uso na composição daquelas não pode ser, de modo algum, descurado.

Com tudo isto em apreciação, e após uma ponderação estatística dos textos bíblicos mais usados nas obras patrísticas que estudámos, chegámos a uma lista relativamente restrita. Uma lista que apresentaremos de seguida, não só mediante a indicação das passagens bíblicas (que terá como orientação a sequência atual dos livros constantes na Bíblia²), mas, para benefício dos eventuais leitores deste nosso estudo, transcrevendo igualmente o texto das mesmas para estas páginas, não obstante isso acabe por abarcar uma parte considerável da parca extensão de que dispomos para este trabalho.

Prov. 3,27s: «²⁷Não negues um favor a quem necessita, se tu podes fazê-lo. ²⁸Não digas a teu próximo: "Vai embora! Passa depois! Amanhã dar-te-ei..." E tens a coisa na mão...»

Prov. 19,17: «¹⁷Quem faz caridade ao pobre empresta a Iahweh, e ele dará a sua recompensa.»

Prov. 22,9: «⁹O homem generoso será abençoado, porque dá de seu pão ao fraco.»

* *Tb. 4,6-11*: «⁶Pois, se agires conforme a verdade, terás êxito em todas as tuas ações, como todos os que praticam a justiça. ⁷Toma de teus bens para

² Para que se reconheça mais facilmente as passagens só presentes nos *LXX* (e não na bíblia hebraica), assinalamos as mesmas colocando antes da indicação das mesmas o sinal gráfico *. Todas as citações bíblicas são retiradas da *Bíblia de Jerusalém*.

dar esmola. Nunca afastes de algum pobre a tua face, e Deus não afastará de ti a sua face. ⁸Regula tua esmola segundo a abundância de teus bens: se tens muito, dá mais; se tens pouco, dá menos, mas não tenhas receio de dar esmola, ⁹porque assim acumulas um bom tesouro para o dia da necessidade. ¹⁰Pois a esmola livra da morte e impede que se caia nas trevas. ¹¹Dom valioso é a esmola, para quantos a praticam na presença do Altíssimo.»

* *Tb.* 12,8s: ⁸Boa coisa é a oração com o jejum, e melhor é a esmola com a justiça do que a riqueza com a iniquidade. É melhor praticar a esmola do que acumular ouro. ⁹A esmola livra da morte e purifica de todo pecado. Os que dão esmola terão longa vida.»

* *Tb.* 14,10s: «[...] ¹⁰Logo que tiveres sepultado tua mãe junto de mim, parte naquele mesmo dia, seja qual for, e não te demores mais neste país, porque vejo que aqui se cometem sem pudor muitas injustiças e muitas fraudes. Considera, filho, tudo o que fez Nadab a Aïçar, seu pai de criação. Não mandou lançá-lo vivo debaixo da terra? Deus, porém, fez o criminoso pagar sua injustiça diante de sua vítima, porque Aïçar voltou à luz, enquanto Nadab desceu às trevas eternas, em castigo pelo seu atentado contra a vida de Aïçar. Por causa de suas boas obras, Aïçar escapou do laço mortal que lhe havia preparado Nadab, e este nele caiu para sua ruína. ¹¹Vede, portanto, meus filhos, aonde conduz a esmola, e aonde conduz a iniquidade, a saber, à morte. Mas o meu espírito se vai...” Eles o estenderam sobre o leito, ele morreu e foi sepultado com veneração.»

Sal. 86,1s: ¹Oração. De David. Inclina teu ouvido, Iahweh, responde-me, pois eu sou pobre e indigente! ²Guarda-me, porque sou fiel. Salva teu servo que em ti confia! Tu és o meu Deus.»

* *Sir.* 3,30s: ³⁰A água apaga a chama, a esmola expia os pecados. ³¹Quem retribui com favores pensa no futuro, no dia de sua queda encontrará apoio.»

* *Sir.* 4,1-6: ¹Filho, não recuses ao pobre o seu sustento, não desvies teus olhos do miserável. ²Não faças sofrer aquele que tem fome, não irrites o homem na sua indignência. ³Não agites mais um coração desesperado, não recuses teu dom ao necessitado. ⁴Não rejeites o pedinte oprimido, não desvies teu rosto do pobre. ⁵Do que pede não desvies teu olhar, não lhe dês motivo para te amaldiçoar, ⁶pois, amaldiçoando-te em sua amargura, o seu Criador atenderá seu clamor.»

Mq. 6,12: «Pois seus ricos estão cheios de violência, seus habitantes mentem e sua língua é falsidade em suas bocas.»

Mc. 10,17-25: «¹⁷Ao retomar o seu caminho, alguém correu e ajoelhou-se diante d'Ele, perguntando: "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" ¹⁸Jesus respondeu: "Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão só Deus. ¹⁹Tu conheces os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunhos, não defraudes ninguém, honra teu pai e tua mãe". ²⁰Então ele replicou: "Mestre, tudo isso eu tenho guardado desde minha juventude". ²¹Fitando-o, Jesus o amou e disse: "Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me". ²²Ele, porém, contristado com essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens. ²³Então Jesus, olhando em torno, disse a seus discípulos: "Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus!" ²⁴Os discípulos ficaram admirados com essas palavras, Jesus, porém, continuou a dizer: "Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! ²⁵É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!"»

Mt. 25,31-46: «³¹Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. ³²E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, ³³e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. ³⁴Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. ³⁵Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. ³⁶Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me'. ³⁷Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? ³⁸Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? ³⁹Quando foi que te vimos doente ou preso e te fomos ver?' ⁴⁰Ao que lhes responderá o rei: 'Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes'. ⁴¹Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. ⁴²Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. ⁴³Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso, e não me visitastes'. ⁴⁴Então, também eles responderão: 'Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não te servimos?' ⁴⁵E ele responderá com estas palavras: 'Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer'. ⁴⁶E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna".»

Lc. 11,37-41: «³⁷Enquanto falava, um fariseu convidou-o para almoçar em sua casa. Entrou e pôs-se à mesa. ³⁸O fariseu, vendo isso, ficou admirado que ele não fizesse primeiro as abluções antes do almoço. ³⁹O Senhor, porém, lhe disse: "Agora vós, ó fariseus! Purificais o exterior do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e de perversidade! ⁴⁰Insensatos! Quem fez o exterior não fez também o interior? ⁴¹Antes, dai o que tendes em esmola e tudo ficará puro para vós! [...]".»

Lc. 6,20.24: «²⁰Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. [...] ²⁴Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!»

Lc. 12,33s: «³³Vendei vossos bens e dai esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem a traçar rói. ³⁴Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.»

Gal. 4,12-15: «¹²Eu vos suplico, irmãos, que vos torneis como eu, pois eu também me tomei como vós. Em nada me ofendestes. ¹³Bem o sabeis, foi por causa de uma doença que eu vos evangelizei pela primeira vez. ¹⁴E vós não mostrastes desprezo nem desgosto, em face da vossa provação na minha carne; pelo contrário, me recebestes como um anjo de Deus, como Cristo Jesus. ¹⁵Onde estão agora as vossas felicitações? Pois eu vos testemunho que, se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim.»

Flp. 4,10-19: «¹⁰Foi grande a minha alegria no Senhor, porque, finalmente, vi florescer o vosso interesse por mim; verdade é que ele estava sempre alerta; mas não tínheis oportunidade. ¹¹Falo assim não por causa das privações, pois aprendi a adaptar-me às necessidades; ¹²sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade. ¹³Tudo posso naquele que me fortalece. ¹⁴Entretanto, fizestes bem em participar da minha aflição. ¹⁵Vós mesmos bem sabeis, filipenses, que no início da pregação do evangelho, quando parti da Macedónia, nenhuma Igreja teve contacto comigo em relação de dar e receber, senão vós somente; ¹⁶já em Tessalónica mais uma vez vós me enviastes com que suprir às minhas necessidades. ¹⁷Não que eu busque presentes; o que busco é o fruto que se credite em vossa conta. ¹⁸Agora tenho tudo em abundância; tenho de sobra, depois de ter recebido de Epafrodito o que veio de vós, perfume de suave odor, sacrifício aceite e agradável a Deus. ¹⁹O meu Deus proverá magnificamente todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza, em Cristo Jesus.»

1Tim. 6,17-19: «¹⁷Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem coloquem sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que nos provê tudo com abundância para que nos alegremos. ¹⁸Que eles façam o bem, se enriqueçam com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar. ¹⁹Estarão assim acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida.»

IPd. 4,8: «⁸Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados.»

Além destes textos, cuja extensão mais breve nos permitiu transcrever para este estudo na sua totalidade, resta-nos mencionar, ainda que sem para aqui trazermos o seu mais extenso texto, uma ulterior passagem bíblica muito usada pelos Padres da Igreja na sua reflexão sobre a esmola e que, do mesmo modo que as anteriormente citadas, deve ser muito bem tida em consideração por quem vier a ler estas páginas. Em concreto: *2Cor.* 8-9.

Pois bem, ante a magnitude do apresentado anteriormente, devemos reconhecer que não temos a possibilidade de, agora e particularmente face à finalidade pretendida para este estudo, falar sobre cada uma das precedentes passagens bíblicas, que abordam, diretamente ou não, a temática da esmola. Também não podemos, sequer e pelos mesmíssimos motivos avançados na frase anterior, ponderar detalhadamente sobre o conteúdo das mais relevantes das mesmas. Dito isto, é perfeitamente exequível apresentarmos uma breve síntese, elaborada ao redor de quatro esteios, dos temas capitais presentes naquelas.

Em primeiro lugar, deparamo-nos claramente com um paralelismo antitético entre, por um lado, o “pobre” (identificado com o “pio”) e, por outro lado, o “rico” que não dá esmola (identificado com o “ímpio”). Um “rico” que muito dificilmente entrará no Reino do Deus-Amor, devido à profetizada inversão escatológica da posse dos bens, já cantada por Maria no *Magnificat* (cf. *Lc.* 1,53) e operada na própria Pessoa de Jesus Cristo. Depois encontramos-nos com a noção de que dar, de modo discreto e recatado (cf., *v.g.*, *Mt.* 6,3s), esmola ao “pobre” é emprestar a Deus, e, desse modo, esse gesto é como arrecadar, junto d’Aquele, um tesouro espiritual imperecível. Em terceiro lugar surge a convicção de que a esmola, dada do íntimo do coração, limpa todos os pecados e liberta da morte, permitindo, àquele que a dá, uma participação fecunda na ressurreição definitiva da humanidade. Por fim surge a identificação, clara e decisiva, entre Jesus Cristo e os mais “pobres”, sendo que, nesse sentido, dar ou oferecer, com amor compassivo feito ajuda material, esmola àqueles é entendido como dar a mesma ao próprio Senhor Jesus, e, inversamente e numa cisão explícita, não lhes dar esse auxílio é negá-la Àquele.

Posto isto, ponderar a temática da esmola nos Padres da Igreja é ter de colocar, igual e imediatamente, o nosso olhar numa outra questão: a da relação (já patente nos textos ponderados anteriormente) entre, de um lado, o par "pobre"/"pobreza" e, do outro, o par "rico"/"riqueza", formando tal relação um contraste material e, simultaneamente, moral. Convém assinalar que tal relação, embora assumisse algo das concepções e práticas sociais greco-romanas, em que o cristianismo também estava inserido, reconfigurava, com firmeza e também por nelas se ter inserido a vivência da esmola, o sentido e a meta dessas mesmas práticas, tomando-as claramente cristãs. Senão vejamos.

Por um lado, na sociedade pagã, os cidadãos mais "ricos" (cerca de 3% do total da população, especialmente os grandes latifundiários e aristocratas) eram incentivados, pelo sistema de "patronato" e em função do estatuto social que se tinha ou se queria mostrar ter, a dar dinheiro para as suas cidades e para os seus concidadãos. Os "pobres", esses, e apesar de quase ubíquos (cerca de 97% da população, entre os depauperados e os que viviam ao redor do nível de subsistência), eram ignorados e desprezados pela comunidade cívica, tomando-se como que "invisíveis".

Por outro lado, já na comunidade cristã e na sequência de um Jesus que apela a que se convide para o "banquete" aqueles que não podem retribuir tal gesto, os "pobres" eram chamados para o centro da vida eclesial. E isto, também por serem sempre os mais destacados destinatários da esmola dada pelos crentes mais "ricos", reconhecendo-se naqueles, além do mais, uma dignidade que, não obstante todas as aparências e experiências exteriores, era, e sempre seria, inviolável. Uma dignidade que não decorria da classe social em que se nascia ou vivia, mas de uma irreduzível base ontológica, teológica e cristológica, baseada no facto de os "pobres", como aliás os demais, por um lado, serem pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn.* 1,24) e, por outro, terem sido redimidos pelo irrepetível amor de Cristo Jesus. Mas não só: era nos pobres que os cristãos acreditavam que Jesus Cristo estava mais presente.

Com o antes delineado em linha de fundo, é igualmente importante ter-se bem presente que, quer para os Padres da Igreja, quer para os cristãos em geral, a noção de "pobre" remetia usualmente, tanto no Oriente como no Ocidente, para os miseráveis da sociedade (os mendigos, os leprosos e os vagabundos). Além de tal conformidade, os Padres geralmente anexavam àqueles outros grupos sociais, mas, agora, de modo diferenciado, consoante o enquadramento geográfico em que viviam: no Oriente, entendiam-se como "pobres" igualmente os herdeiros insensatos que contraíam dívidas excessivas e, no Ocidente, os pequenos proprietários de terras.

Apesar do notado antes, convém reconhecer que, para os Padres da Igreja, a principal dificuldade teológico-moral não era tanto a "pobreza" e os

"pobres", mas a "riqueza" e os "ricos". Contudo, e no contexto de uma crescente estratificação da comunidade cristã, também não pode ser ignorado que, em traços muito gerais e ainda para os Padres da Igreja, a "riqueza" e a "pobreza" eram realidades grandemente relativas e até, em certa medida, dialéticas. Quer dizer: realidades que configuravam um cenário em que uma pessoa era dita "pobre", na medida em que outrem era mais rico do que ela, e, ao mesmo tempo e inversamente, alguém era dito "rico", porquanto outra pessoa era mais pobre do que ele. Além disto, é preciso reter que, mesmo sem ter em conta a precedentemente anotada relatividade conceptual e existencial, existia uma grande fluidez, e uma não menor porosidade gradativa, entre os membros dos grupos dos, assim ditos, "pobres" e "ricos", levando a que, por exemplo, alguém pudesse ser, numa dada ocasião mais ou menos prolongada, tido como "pobre" e, numa outra, considerado como "rico".

2. As molduras de uma temática

Conforme mencionámos na "Introdução" a este trabalho, embora o mais fascinante e enriquecedor fosse abordar de modo cronológico a ponderação sobre a esmola presente nas obras dos Padre da Igreja, não será isso que faremos. Antes exporemos aquelas molduras mais globais que, ao longo da nossa leitura de tais obras e ulterior reflexão pessoal sobre a mensagem das mesmas sobre o "amor feito ajuda material", se nos foram surgindo como aquelas em que as ditas mensagens podem ser inseridas. Esperamos sinceramente que esta nossa opção, e sua iminente realização já de seguida, não atraíçoe, nem o pensamento dos Padres, nem os nossos objetivos expressos na aduzida "Introdução".

Em traços gerais, e ainda e sempre dentro do contexto da antes ponderada relação entre "rico"/"riqueza" e "pobre"/"pobreza", podemos constatar a ocorrência de duas perspetivas patrísticas acerca da esmola: a perspetiva "'vertical' de permuta" e a "'horizontal' mutualista". Duas perspetivas que, convém deixar bem claro, não são sempre isoláveis entre si, antes frequentemente entrecruzáveis, pois, com a exceção de casos extremos, os textos que podem ser ditos como mais próximos de uma de tais duas molduras, não deixam de ter, nem que tangencialmente, aspetos que os aproximam da restante.

Talvez fosse tentador dizer que uma delas (a primeira que iremos ver) é de cunho especialmente ocidental, e que a outra (a segunda que será apresentada) é de perfil mais oriental, mas isso seria uma generalização excessiva. Do mesmo modo, seria um anacronismo tremendo, e, assim, um erro totalmente inadmissível, intitular uma "de direita" ou "capitalista" e a outra "de esquerda" ou "comunista". Nada disto pode ser inferido ou afirmado dos textos

que estudámos. Nem de perto, nem de longe. Donde, quem o fizer estará a impor a tais textos preconceitos e prejuízos como que desejando que o pensamento conforme a realidade, em vez de deixar que os Padres da Igreja lhes comuniquem o seu pensamento.

Com o alerta precedente bem escorado, registemos que as diferenças a respeito da cognição e da prática da esmola surgem, isso sim e na maior parte das vezes, de dois elementos que devem ser articulados para a mais correta compreensão do pensamento dos Padres a respeito daquela. Em primeiro lugar, dos distintos contextos geográficos, políticos, sociais, eclesiais e históricos em que os textos por nós ponderados foram escritos. Em segundo lugar, das diversas estratégias retóricas e imagens simbólicas que os diferentes Padres da Igreja pensavam que seriam as mais adequadas para, em tais contextos, fomentarem a mencionada prática. Falámos, há momentos, de distintos contextos.

2.1. A perspetiva “vertical’ de permuta”

Falemos agora da primeira das perspetivas que mencionámos ter discernido como capazes de delinear a posição dos Padres a respeito da esmola.

Nesta moldura, as diferenças sociais entre “ricos” e “pobres” fazem parte integrante e indispensável do misterioso desígnio de Deus, sendo que, além do mais, o mundo social não está desordenado³. De facto e de um lado, a riqueza é tida como um dom positivo outorgado por Deus, fazendo dos “ricos” genuinamente “bem-aventurados”, e, do outro lado, a pobreza, por mais trágica que seja, é necessária. E é-o, quer para os “pobres”, quer para os “ricos”. Para os “pobres” (em bens materiais, mas ricos em bens espirituais), ela é necessária para estes poderem viver com uma maior dignidade e até para lograrem sobreviver. Para os “ricos” (em bens materiais, mas pobres em bens espirituais), ela é-o para que os mesmos, dando esmolas aos “pobres”, possam lograr duas ocorrências. Por um lado, testemunharem a veracidade da sua fé no meio de um processo de conversão. Por outro lado, ganharem o Reino, por permitirem e tornarem mais fecundo o seu voltar a acolher, em contexto pós-batistal e exatamente pela esmola, o perdão divino⁴.

³ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Sermões*, 39, 4, 6, PL 38, 243: «assim está escrito: “Os pobres e os ricos encontram-se”. E onde é que eles se encontram? Nesta vida. Um nasceu e também nasceu o outro: eles se encontram, eles se conhecem. E quem os fez? “O Senhor”. Ele fez o homem rico para ajudar o pobre, ele fez os pobres para provarem o rico.» [Nota: todas as traduções patrísticas são da nossa estrita responsabilidade.]

⁴ Cf., *v.g.*, CIPRIANO DE CARTAGO – *Acerca das obras e da esmola*, 2, PL 4, 604A: «depois, ensinando e mostrando por quais meios podemos ser limpos e purificados, Ele [Jesus] acrescenta que a esmola deve ser realizada. Ele, na Sua misericórdia, ensina-nos e adverte-nos que a

De notar, ainda, que tal esmola, tida sobretudo como um gesto de caridade, não deve conduzir o “rico” à pobreza, podendo ser dada a partir de uma percentagem do supérfluo⁵. Deste modo, a esmola quase que acaba por ser um comportamento meramente de filantropia humana, não sendo para a transformação da sociedade, antes podendo acabar por ser reduzida, no seu limite, a um gesto instrumental ego-interessado por parte do “rico”, que, quando levado ao extremo, pode ser tido como “mercenário”. De facto, e como já apontámos no parágrafo anterior, o “rico” dava esmola em grande parte para benefício próprio até porque, além dos dois elementos ali referidos, também contava que o “pobre”, sendo por si ajudado, pudesse interceder por aquele junto de um Deus que, sobretudo pelo que Ele mesmo é, Se faz mais próximo e mais atento aos pedidos dos “pobres”.

No cenário antes descrito, em que a “pobreza” e a “riqueza” surgem diversas vezes internalizadas e espiritualizadas⁶, o abuso mais usualmente denunciado pelos Padres da Igreja, e até facilmente inferido por quem ponderar atentamente o por nós aduzido, é o de o “rico”, escudado igualmente pela ideia de que as desigualdades sociais faziam parte do incompreensível desígnio divino, não combater tais desigualdades. E isso, para, desse modo, poder continuar a ir “ganhando” o Reino através das, pequenas ou grandes, esmolas que ia dando aos “pobres”.

Deste modo, surge, na ótica de uma reciprocidade que gera uma relação simbiótica quase que “mercantil”, uma forma “vertical” de permuta de “bens”. Uma forma em que, por um lado, os mais “ricos” proveem os mais “pobres” daqueles bens económico-materiais que constituem a esmola e os podem libertar daquilo que os impede de crescer espiritualmente⁷. E que, por outro

misericórdia deve ser levada a cabo, e, dado que Ele procura salvar aqueles a quem Ele redimiu a um grande custo, Ele ensina que aqueles que, depois da graça do Batismo, se contaminaram, podem ser purificados mais uma vez.»

⁵ Cf., v.g., AGOSTINHO DE HIPONA – *Sermões*, 206, 2, PL 38, 1041: «às nossas orações, para que voando possam chegar mais facilmente a Deus, acrescentemos, com esmolas e jejuns, as asas da piedade. Por isso, o cristão entende bem o quanto se deve proteger contra a apropriação indevida de algo de outra pessoa: quando ouve dizer que é quase um roubo não dar ao necessitado as coisas que para si são supérfluas.»

⁶ Cf., v.g., CLEMENTE DE ALEXANDRIA – *Qual o rico que se salva?*, 19, PG 9, 624A-B: «por conseguinte, quem é verdadeira e justamente rico é aquele que é rico em virtude, e é capaz de fazer um uso santo e fiel de qualquer fortuna; enquanto quem é espuriamente rico é-o segundo a carne, voltando a vida para as posses exteriores, que são transitórias e perecedoras [...]. Da mesma forma, há um homem genuinamente pobre e outro que é errada e falsamente chamado assim. Aquele é o pobre em espírito, e isso é o que está certo, este é o pobre em sentido mundano, o que é algo diferente.»

⁷ Cf., v.g., CLEMENTE DE ALEXANDRIA – *Miscelâneas*, 4, 5, PG 8, 1233B: «a pobreza [...] obriga a alma a desistir das coisas necessárias, quero dizer, da contemplação e condição de pureza e de

lado, os mais “pobres”, concebidos, como já apontámos, como tendo Deus mais próximo deles (até porque o Mesmo Se identificou intimamente com os mesmos), ajudam os “ricos” através de um auxílio espiritual. É exatamente isto que desejamos representar com o muito básico esquema presente na figura que se encontra já de seguida neste estudo.

É justamente nesta moldura, e dentro do debate a certa altura absolutamente candente a respeito da possibilidade de um novo perdão dos pecados após o Batismo, que surge a noção de esmola “meritória” e, até, como um caso especial da anterior feição da esmola, “co(m)-redentora” (cf. *IPd.* 4,8; *Lc.* 11,41).

Tratava-se, com efeito e num vincar e prolongar de alguns aspetos já expostos na descrição desta presente moldura, de entender a esmola como um meio para o “rico” alcançar duas realidades. Em concreto: de um lado, e pela esmola “meritória”, riquezas celestes (no fundo, a vida plena em Deus), porque se entendia que a referida esmola dada ao “pobre”, fazia com que Deus, face às Suas promessas presentes na Escritura, ficasse “em dívida” para com aquele que a dava, garantindo-lhe um tesouro inestimável e imperecível: a vida eterna, isto é, a vida com Ele mesmo⁸. De outro lado, e pela “esmola (meritória) co(m)-redentora”, uma mediação dos “pobres” ante Deus, os quais, pelas suas orações pelos “ricos” que lhes haviam dado esmola, faziam com que estes pudessem receber, nova e fecundamente, o perdão divino para os seus pecados que lhes era comunicado pelo próprio ato de dar esmola⁹.

Tentemos dizer o antes sustentado por outras palavras. Deus comunica o Seu perdão àquele “rico” que dá esmola, sendo que tal perdão se torna eficaz neste, não só pela disposição espiritual do mesmo, mas particularmente pela oração do “pobre” em prol daquele. Um perdão que, tenha-se bem em

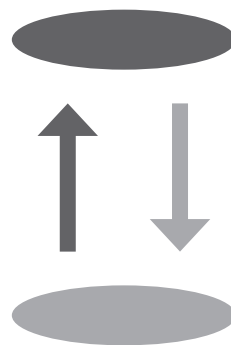


Fig. 1 – Esquema gráfico da perspectiva “vertical” de permuta”

ausência de pecado, pois força aquele que assim não se entrega totalmente a Deus pelo amor, a ocupar-se da busca do necessário para sobreviver.»

⁸ Cf., *v.g.*, CIPRIANO DE CARTAGO – *Sobre o Pai-Nosso*, 32, PL 4, 541B: «quem é misericordioso para com o pobre empresta, com certeza de lucro, a Deus, e o dar aos indigentes é dar ao próprio Deus e oferecer-Lhe espiritualmente um sacrifício de suave odor.»

⁹ Cf., *v.g.*, ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Homilias sobre o Levítico*, 2, 4, PG 12, 417C-418A: «ouvi agora quantas são as remissões dos pecados no Evangelho: em primeiro lugar, aquela pela qual alguém é batizado para a remissão dos pecados [...], [mas também] a que é comunicada pela esmola.»

consideração, foi garantido, de uma vez para sempre e para todos, por Jesus Cristo, facto este que conduz a que, na mente destes Padres da Igreja, o perdão decorrente da esmola não seja distinto da única ação salvífica levada a cabo pelo Senhor, sendo antes uma consequência intrínseca da mesma, aceite pela condescendente bondade divina.

De todos os modos, e isto é decisivo a diversos níveis, estes Padres também aspiravam a que os "ricos" ajudassem os "pobres" pela esmola, não para que aqueloutros recordassem, por um comportamento de distinção social, a diferença que existia entre ambos, mas para ambos admitirem a sua radical igualdade no que concernia à pobreza ante Deus¹⁰. Algo que, também devido à própria natureza d'Este e à própria condição existencial dos "pobres", se cria que estes lograriam mais facilmente.

Se se puder, agora, glosar umas palavras de Jesus que apresentámos no ponto anterior deste ensaio (cf. *Mt.* 10,25), talvez se possa dizer que esta perceção da esmola foi uma tentativa de ampliar o "buraco da agulha". E este facto de modo a arranjar um discurso teológico e uma prática pastoral que permitissem aos "ricos", expressos no "camelo" (em grego, *kámelos*) ou "corda" (*kámilos* em grego, corda feita justamente com lanugem de camelo), manterem, com uma nova compreensão da natureza e da meta da riqueza, esta mesma riqueza, fosse em benefício próprio, fosse em proveito dos "pobres".

Chegados a este momento deste nosso trabalho, não cremos que, mesmo tendo em conta um dos fitos que admitimos que tínhamos para o mesmo, seja despiciente referir quais os autores patrísticos por nós estudados que são mais característicos desta primeira moldura de entendimento e de prática da esmola. Assim sendo, e numa lista elaborada tendo-se em consideração um vetor temporal que aponta do mais antigo autor para o mais recente, temos: o(s) autor(es) da *Carta de Barnabé* (fins do séc. I); o(s) autor(es) da *Carta de 'Clemente' Romano* (fins do séc. I); Inácio de Antioquia (inícios do séc. II); o(s) autor(es) de *O Pastor* atribuído a Hermas (primeira metade do séc. I); Policarpo de Esmirna (primeira metade do séc. II); Clemente de Alexandria (fins do séc. II); Orígenes de Alexandria (primeira metade do séc. III); Cipriano de Cartago (medos do séc. III); e, enfim, Agostinho de Hipona (fins do séc. IV e primeira metade do séc. V).

Para darmos por concluída a apresentação desta moldura por nós denominada de "'vertical' de permuta", gostaríamos apenas de deixar nestas

¹⁰ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Sermões*, 123, 5, *PL* 38, 686: «muitas pessoas me dizem: "Sou pobre", e dizem a verdade. Conheço pobres que possuem algo, e também conheço pobres que são indigentes. Mas há aqueles que possuem ouro e prata em abundância. Quem dera que se reconhecessem como pobres! Reconhecer-se-iam pobres se se fizessem próximos do pobre. Como? Qualquer que seja a tua opulência, tu que és rico, não és senão um mendigo de Deus.»

páginas quatro citações de obras que, a respeito da temática da esmola, se inserem na referida moldura. A primeira será retirada da obra *O Pastor* que, como já mencionámos, é usualmente atribuída a Hermas. A segunda será retirada daquilo que pode ter sido uma homilia de Clemente de Alexandria, denominada *Qual o rico que se salva?*. Posteriormente, teremos outra provinda do tratado *Acerca das obras e da esmola*, de Cipriano de Cartago. A derradeira será de um dos *Sermões* de Agostinho de Hipona.

«O ulmeiro e a videira se completam perfeitamente. [...] É como os servos de deus: o pobre e o rico. [...] O rico tem muitos bens, mas é pobre aos olhos do Senhor. [...] Contudo, se o rico se voltar para o pobre e atender às suas necessidades, crendo que o bem, que ele faz ao pobre, poderá encontrar a sua retribuição junto de Deus, então o rico atenderá, sem hesitação, às necessidades do pobre. Assim, o pobre, socorrido pelo rico, rezará por ele e agradecerá a Deus pelo seu benfeitor. [...] Desse modo, ambos cumprem a sua missão.»¹¹

«Oh! que belo negócio! Oh! Que divino comércio! Tu, homem rico, podes comprar, com dinheiro, algo de incorruptível, dando as coisas perecíveis deste mundo em troca de eternas mansões nos céus. Se fores sensato, ó homem rico, faz-te ao mar para esta assembleia festiva e, se for necessário, dá a volta ao mundo, sem olhares a perigos e a custos, de modo a que, assim, possas comprar um reino celestial com o teu amor fraterno, [...] o qual, cobrindo uma multidão de pecados, é o caminho mais excelente.»¹²

«Qual será, meus irmãos, a glória daqueles que fazem boas obras; quão grande será a sua alegria quando o Senhor começar a examinar o Seu povo e, dando os prémios prometidos às obras e aos méritos, entregar os bens celestiais guardados em troca dos bens terrenos despendidos; os eternos em troca dos perecíveis; os infinitamente valiosos em troca dos vis [...]. Que coisa ilustre e divina é, meus queridos irmãos, o trabalho salvífico da esmola: um grande conforto para os crentes; uma grande garantia para a nossa segurança; uma proteção para a esperança; uma salvaguarda para a fé; um remédio para o pecado; [...] o verdadeiro e maior dom de Deus, necessário para os fracos, glorioso para os fortes.»¹³

«Fica com o que te seja suficiente ou até com mais do que o suficiente. De tudo demos uma certa parte. Qual? A décima parte. Os escribas e os fariseus

¹¹ Cf., v.g., HERMAS – *O Pastor*, 3, 2, 1, PG 2, 955.

¹² Cf., v.g., CLEMENTE DE ALEXANDRIA – *Qual o rico que se salva?*, 32, PG 9, 637B-D.

¹³ Cf., v.g., CIPRIANO DE CARTAGO – *Acerca das obras e da esmola*, 26, PL 4, 621A-622A.

[...], aqueles pelos quais Cristo não havia derramado o Seu sangue, davam o dízimo [...] para que não penses que fazes algo de extraordinário quando repartes o pão, que apenas representa a milésima parte dos teus bens. Mas, se apenas fizeres isso, eu já não te repreendo. Fá-lo, nem que seja apenas isso. [...] Mas não devemos superar a justiça deles? [...] Dai com facilidade [...] para acumulardes um bom tesouro para alcançardes a vida eterna.»¹⁴

2.2. A perspectiva “horizontal’ mutualista”

Avançando para a apresentação da segunda das molduras que aferimos poderem ser úteis para a sistematização do pensamento patrístico sobre a esmola, veremos rápida e facilmente que se diferencia em muitos aspetos da precedente.

De acordo com esta perspectiva, e em franco contraste com a anterior, as diferenças sociais existentes entre “ricos” e “pobres” são resultantes de uma injustiça social totalmente alheia ao desígnio de amor divino para com a Criação e, nesta, para com a humanidade¹⁵, perante a qual o cristão não pode ficar indiferente. O mundo social, efetivamente, é considerado como estando desvirtuado face à igualdade original, também em consequência do apego pecaminoso aos bens materiais e monetários, os quais, assim, acabam por ser acumulados, em vez de serem postos a circular em prol daqueles que mais necessitam dos mesmos¹⁶. E isto, porquanto se estima que a propriedade dos bens, mesmo quando legitimamente adquiridos, não é para um benefício individual, mas comum. Nesta conceção, a riqueza material é, em última análise, radicalmente insensata, ilusória e tendente a gerar uma predisposição, dificilmente recusável, para todas as formas de pecado¹⁷. Por seu lado, a pobreza é encarada como sendo a consequência de uma falta de amor e de

¹⁴ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Sermões*, 85, 5, PL 38, 522.

¹⁵ Cf., *v.g.*, GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Oração acerca do amor aos pobres*, 36, PG 35, 905C: «quando se lê na Escritura “O pobre e o rico encontram-se. O Senhor fez a ambos”, não se imagine que ele criou um e o outro enquanto tal [pobre e rico], pois não acredito de modo algum que a distinção entre ricos e pobres venha de Deus; o texto apenas diz que ambos são criaturas de Deus, ainda que as circunstâncias exteriores sejam diferentes.» Ver, *supra*, o texto presente na nota de rodapé número 4.

¹⁶ Cf., *v.g.*, AMBRÓSIO DE MILÃO – *Acerca de Naboth*, 1, 2, PL 14, 731B-C: «até onde, ricos, estendereis a vossa cobiça? [...] Qual a razão por que rejeitais aqueles que partilham da vossa natureza e reivindicais para vosso benefício a posse de tal natureza? A terra foi estabelecida para o uso comum de todos.»

¹⁷ Cf., *v.g.*, BASÍLIO DE CESAREIA – *Homilias*, 1, 5, PG 31, 293C-296A: «nada resiste à violência da riqueza: todas as coisas sucumbem à sua tirania, tudo se inclina à sua tirania, pois cada pessoa injustiçada se preocupa mais em não ser mais prejudicada do que em não vingar as injustiças do passado. O rico dirige o jugo de bois, ara, semeia, colhe aquilo que não lhe pertence. Se protestas, porrada; se te queixas, processo por injúrias, condenação à escravidão, cadeia.»

solidariedade fraterna por parte dos “ricos” que, em última análise e se continuarem a sê-lo, não podem ser tidos como bons cristãos, nem sequer como boas pessoas¹⁸.

Se assim é, a esmola, sendo um gesto de amor efetivo que denuncia as injustiças (mormente sociais) e restitui um bem que quando aglomerado é possuído indevidamente em detrimento de um seu uso em benefício de todos, é sinónima de um querer entrar no desígnio de Deus. Mais: e, assim, do desejar transformar real e efetivamente a realidade, de modo a ordená-la para a meta desejada para a mesma por parte de Deus. Tal esmola, que deve levar a uma pobreza cristã simultaneamente discreta e voluntária, pode não ser dada, e por vezes até não deve ser dada, simplesmente a partir do supérfluo, mas do que é genuinamente necessário, se, com isso, se estiver a ajudar quem ainda tem menos, nomeadamente aqueles que veem desprezado o seu direito a viverem com dignidade. Nesta condição, o “pobre”, ainda e sempre o mais amado por Deus e sendo ajudado pela esmola do “rico”¹⁹, poderá sair da sua condição de indigente e, desse modo e como também desejado na moldura anterior, passar a preocupar-se mais com a sua vida espiritual no seio da Igreja. De uma Igreja que, com o “pobre” e nunca sem ele, se torna o “Corpo (eclesial) de Cristo”, também porquanto o altar do Mesmo²⁰.

Se na perspetiva anterior o abuso mais frequentemente referido pelos Padres da Igreja era o do “rico” não querer que o “pobre” saísse da sua condição para, dessa forma, beneficiar espiritualmente do poder continuar a dar-lhe esmola, presentemente o abuso passava por o “pobre” não se empenhar, de uma ou de outra forma, em sair da sua pobreza. E esta realidade, porquanto

¹⁸ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre a primeira carta a Timóteo*, 12, 4, PG 62, 564: «como pode o rico ser bom? Não é possível; é bom, contudo, se der o que possuir, de modo que é bom quando deixa de o ter, quando o dá aos outros; mas enquanto ele o mantém, ele não é bom.»

¹⁹ Cf., *v.g.*, TERTULIANO DE CARTAGO – *Contra Marciano*, 4, 14, PL 2, 388B-C: «chego agora àqueles preceitos [...] que são o “édito” de Cristo [...]: Bem-aventurados os mendigos (pois a isto nos exige a própria interpretação da palavra em grego) porque deles é o reino dos céus. [...] O que há, então, para se admirar se Cristo começou o Seu ministério com os próprios sentimentos do Criador e com uma linguagem semelhante [à d'Aquele], mostrando [em primeiro lugar] que amava, consolava, protegia e fazia justiça ao mendigo, aos pobres, aos humildes, à viúva e ao órfão? Não será para que reconheças que essa bondade compassiva e peculiar de Cristo provém de uma corrente que vem das fontes do Salvador?»

²⁰ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre a segunda carta aos Coríntios*, 20, 3, PG 61, 540: «tu honras realmente este altar, porque ele recebe o corpo de Cristo; mas aquele que é, ele mesmo, o corpo de Cristo, tu o tratas com rispidez, e quando ele está a perecer, com negligência. Este altar tu podes ver deitado por todos os lugares, tanto nas ruas como nos mercados, e podes oferecer um sacrifício sobre ele a cada hora [...]. Quando, então, vires um pobre, pensa que estás a ver um altar: quando vires um mendigo, não apenas não o insultes, mas inclusivamente reverencia-o.»

preferindo viver de uma esmola que, sendo considerada como uma das mais nobres e belas formas de amor incarnado, lhe era dada pelo "rico".

Nesta matriz, que aponta para o desejo de uma sociedade cristã sem injustiças sociais ou, pelo menos, com as menores possíveis, surge a convicção de que todos, num processo que podemos denominar "mutualista 'horizontal'", devem ajudar todos, quer a nível económico-material, quer a nível espiritual. Efetivamente, existe a aguda consciência de que o necessitado de hoje pode ser o auxiliador de amanhã (e vice-versa), sendo que, ao mesmo tempo, procura-se evitar que a esmola alimente injustiças derivadas, seja da dependência, seja do abuso, do apoio social. Eis o que pretendemos mostrar graficamente na muito elementar figura que surgirá a continuação neste estudo (na leitura da qual se deve imaginar que as formas presentes em tal figura estão num plano horizontal).

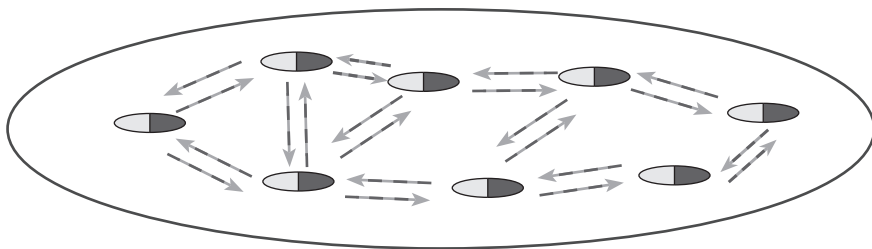


Fig. 2 – Esquema gráfico da perspectiva "horizontal' mutualista"

Pois bem, na segunda moldura de compreensão e prática da esmola, há uma recusa terminante em espiritualizar a pobreza, como seria o caso se se fizesse da mesma sinónima de "humildade" ou de "desapego", sendo, assim, suscetível de ser vivida por aqueles que são materialmente "ricos". Algo que, no fundo e segundo os Padres da Igreja que se podem predominantemente incluir nesta perspectiva, esvaziaria o sentido profundo da esmola, e, inclusive, da pobreza, podendo chegar-se ao limite de se recusar ao pobre material não "humilde" ou "desapegado" a própria denominação de "pobre". Mais: afirmando-se o "rico" material como podendo ser o "pobre" espiritual, o mesmo torna-se "rico" espiritualmente, deixando de necessitar do "pobre" para a sua caminhada espiritual, podendo virar-lhe as costas.

Surge, por conseguinte, uma recusa em entender a esmola como resultante de um ato facultativo, de um elegante gesto de desprendimento, de uma pura demanda individual da perfeição ou de uma ação meramente compassiva.

E isto para, pondo de lado interpretações erróneas, se afirmar que a mesma, a dever ser tendencialmente gratuita num contraste com as práticas pagãs²¹, deve ser decorrente de uma exigência, bem real e por parte de Deus, de misericórdia e de justiça distributiva. Assim, cada um poderá dispor, ainda neste mundo concreto em que se vive antes do abraço definidor com Deus, do que necessita para viver numa segurança crente.

Perante isto, a esmola é igualmente a forma de um sujeito deixar de ser injusto e “pagão” e caminhar para a uma fé existencialmente misericordiosa que recusa perpetuar as condições de morte para os “pobres”²². Na realidade, pela esmola, o sujeito mostra que reconhece que os bens que possui são, pelo amor e tal como acontece com a pessoa de cada um, mais para aqueles que deles carecem do que para si, recusando-se, também e desse modo, a ideia de que a pobreza era o justo resultado, acarretado sobre si pelo “pobre”, de uma justiça divina interior à história e até à história da salvação, a qual é, nunca nos esqueçamos disso por mais que o já tenhamos ouvido ou lido, a salvação na, e também da, história²³.

Retomando as palavras de Jesus, já antes glosadas, acerca do “buraco da agulha” e do “camelo”, podemos dizer que esta segunda moldura, de entendimento e prática da esmola e ainda e sempre dentro do anteriormente descrito cenário da relação entre “pobre”/“pobreza” e “rico”/“riqueza”, foi como que uma tentativa de adelgaçar o “camelo” ou de afiar a “corda”.

²¹ Cf., *v.g.*, LACTÂNCIO – *Instituições divinas*, 6, 11, PL 6, 673A-676A: «se Cícero estivesse vivo, eu certamente exclamaria: repara, Marco Túlio, tu estás errado quanto ao que é a verdadeira justiça, [...] pois avaliasse a piedade e a humanidade de dada ação pela sua utilidade. Contudo, não devemos voltar as nossas ações para os homens aptos, mas o máximo possível para os inaptos, pois uma ação feita com justiça, piedade e humanidade é a que for feita sem a esperança de qualquer retorno. [...] Portanto, tudo o que é dado àqueles que não estão em necessidade, em nome da popularidade, é jogado fora [...] [sendo que] o único uso seguro e verdadeiro da liberalidade é apoiar os necessitados e os fracassados.»

²² Cf., *v.g.*, AMBRÓSIO DE MILÃO – *Acerca de Naboth*, 1, 1, PL 14, 731A-B: «a história de Naboth é antiga pela época, quotidiana pelos costumes. Qual é, com efeito, o rico que não ambiciona diariamente os bens de outrem? [...] Cada dia Acab renasce [...]. Naboth não é o único pobre que matámos: cada dia Naboth é oprimido, cada dia um pobre é morto.»

²³ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre Lázaro*, 1, 10, PG 48, 977: «além disso, havia ainda outra coisa [que fazia o pobre Lázaro sofrer]; a saber: o seu carácter era difamado pelos insensatos. Pois a generalidade dos homens está acostumada, quando veem alguém com fome e sede, ou vivendo em grande dificuldade, a não nutrir nenhum sentimento de caridade a respeito deles, mas a julgar a sua vida pelos seus infortúnios, e a supor erradamente que ele é assim afligido inteiramente por causa da sua maldade; e dizem uns aos outros muitas coisas deste tipo, insensatamente sem dúvida, mas ainda assim dizem: “Este homem, se ele fosse considerado favoravelmente por Deus, não teria padecido ao ser afligido com a pobreza e outras desgraças”.»

Desejando nós seguir, neste ponto 2.2. do nosso estudo, o mesmíssimo esquema expositivo empregado no ponto 2.1, resta-nos apresentar uma breve lista dos mais emblemáticos Padres que escreveram textos que se podem inserir na moldura "'horizontal' mutualista" e, depois, trazer para estas páginas duas citações características de tal moldura conceptual acerca da noção e práxis da esmola. Assim sendo, e seguindo nós mais uma vez uma sequência cronológica, temos: o(s) autor(es) da *Didaqué* (fins do séc. I); Tertuliano de Cartago (fins do séc. II e inícios do séc. III); Lactâncio (primeira metade do séc. IV); Basílio de Cesareia (segunda metade do séc. IV); Gregório de Nazianzo (segunda metade do séc. IV); Gregório de Nissa (segunda metade do séc. IV); Ambrósio de Milão (segunda metade do séc. IV); João Crisóstomo (segunda metade do séc. IV); Paulino de Nola (fins do séc. IV e primeira metade do séc. V); e, por fim, Leão Magno (meados do séc. V).

Quanto às citações ilustrativas desta perspetiva, aqui deixamos mais quatro. A primeira será de Basílio de Cesareia, em concreto, de uma das suas *Homilias* apodadas de "sociais". Depois teremos uma retirada da *Oração acerca do amor aos pobres*, de Gregório de Nazianzo. A terceira virá de uma das *Homilias sobre o Evangelho de Mateus* de João Crisóstomo. Por fim, uma outra extraída de um dos *Sermões* de Leão Magno.

«Quem é avaro? O que não se contenta com as coisas necessárias. Quem é ladrão? O que tira aos demais o que lhes pertence. E dizes que não é avaro nem ladrão quando te aproprias do que recebeste a título de administrador? Com que então havemos de chamar "ladrão" ao que tira a roupa àquele que vai vestido, e teremos de te dar outro nome quando viste um nu que podias vestir? Do faminto é o pão que reténs; daquele que vai nu é o manto que guardas nas tuas arcas; do descalço o calçado que apodrece em tua casa; do indigente o dinheiro que tens enterrado.»²⁴

«A pobreza e a riqueza, a liberdade e a escravidão e outras palavras semelhantes entraram tardiamente na linhagem humana, como uma espécie de enfermidades comuns, consequências da iniquidade dos ricos e invenções da mesma, mas, tal como diz a palavra evangélica, no princípio não foi assim. [...] Mesmo os mais atrozinhos pobres são nossos irmãos segundo Deus: têm a nossa mesma natureza [...]. Participam [...] das mesmas promessas divinas, assembleias litúrgicas, sacramentos e esperanças, pois por eles morreu também Cristo, Aquele que tira o pecado de todo o mundo.»²⁵

²⁴ Cf., v.g., BASÍLIO DE CESAREIA – *Homilias*, 6, PG 31, 276C-277A.

²⁵ Cf., v.g., GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Oração acerca do amor aos pobres*, 14; 25, PG 35, 876A-B; 892A.

«Queres honrar o Corpo de Cristo? Então não o desprezes nos Seus membros, isto é, nos pobres que não têm com que se vestir, nem honres tal corpo no templo, com vestes de seda, enquanto O abandonas lá fora ao frio e à nudez. [...] Que proveito resulta para a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se Ele morrer de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto com o que tens, e, depois, adornarás o Seu altar com o que sobrar. [...] Não deixes o teu irmão na miséria; faz-te pobre para o enriqueceres.»²⁶

«Tendo assumido a natureza humana, o Filho do Homem não Se apartou de nenhum aspeto da pequenez humana. Qual será a acusação contra aqueles que estarão à Sua esquerda aquando do juízo final, senão a de terem negado a misericórdia para com os pobres? Senão a de não terem distribuído os seus bens com eles? Senão a de terem evitado partilhar, com eles, as suas vidas e os seus bens, mediante a esmola que extingue o castigo do fogo eterno? [...] Que todos, segundo as suas possibilidades, deem esmola com toda a liberdade.»²⁷

3. A institucionalização da distribuição da esmola

Depois de nos termos demorado no delinear das perspetivas patrísticas que nos pareceram mais determinantes acerca da esmola, devemos, neste momento, dar a nossa atenção a outros aspetos que acabam por ser transversais àquelas, seja em todo o seu arco temporal (que, conforme mencionámos na "Introdução" deste trabalho, vai sensivelmente do ano 50 d.C. ao ano 450 d.C.), seja, como é o caso da presente ocorrência, sobretudo a partir do fim do séc. IV. Começaremos este nosso intuito, neste ponto do nosso ensaio, pelo que pode ser descrito como a crescente mediação da Igreja institucional na distribuição da esmola a partir da "viragem constantiniana".

Ora bem, se inicialmente, e nas duas molduras ponderadas precedentemente, era comum, e por vezes incentivada, a prática espontânea da esmola sem intermediários, a denominada "viragem constantiniana" (começada em 313), juntamente com o seu por nós denominado "reforço teodosiano" (iniciado em 380), implicou uma mudança significativa a esse respeito. E isto a dois níveis. Em primeiro lugar, ocorreu um incremento do tratamento teológico, indireto e direto, do tema da esmola. Por outro lado, e também a nível da teorização dos Padres, passou-se a assumir e a promover uma crescente mediação por parte das estruturas eclesiais institucionais, quer da gestão,

²⁶ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre o Evangelho de Mateus*, 50, 3, PG 58, 508.

²⁷ Cf., *v.g.*, LEÃO MAGNO – *Sermões*, 10, 2, PL 54, 165C-166C.

quer da distribuição da esmola. Esta realidade, que chegou a ser criticada²⁸, levou a uma progressiva separação entre quem dava a esmola a partir dos seus bens materiais (os “ricos” e, depois, uma Igreja institucional progressivamente mais dotada de bens económico-materiais à medida que ingressavam na Igreja pessoas cada vez mais abastadas) e quem a distribuía aos “pobres”: o clero²⁹.

Entre o clero, e repare-se nas indicações comparativas que estarão presentes neste parágrafo e que apontam para um vincar do que já existia, foram principalmente os bispos que passaram a assumir, cada vez mais, a tarefa de partilhar, igualmente como meio de coesão e afirmação comunitária, a esmola que era entregue à Igreja. E isto, mesmo podendo não gerir pessoal e/ou diretamente os bens materiais disponíveis nas suas comunidades, antes confiando isso aos seus delegados, mormente os diáconos. Deste modo, os bispos começam, igualmente nos textos dos Padres da Igreja, a ser tidos, mais e mais, como os benfeitores e os “amigos dos pobres” por excelência, não menos por visibilizarem maximamente a bondade e a beneficência generosas do próprio Deus³⁰.

Isto não se deveu apenas a uma vontade de fidelidade evangélica. Isso era, certamente e na maioria dos casos, decisivo, mas não terá sido a razão exclusiva. Na verdade, com a crescente aproximação da Igreja a um Império Romano cada vez mais cristianizado, a ponto de, pela primeira vez e como já aduzimos de passagem, os “ricos” terem aderido em números significativos à fé cristã³¹, tal Império passou a esperar diversas realidades da Igreja. No que a este presente estudo mais diretamente diz respeito, o poder imperial, ao

²⁸ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre a primeira carta a Timóteo*, 14, 3, PG 62, 574: «não dês a tua esmola àqueles que presidem à Igreja para a distribuírem. Oferece-a tu mesmo, para que possas ser recompensado não apenas pelo dar, mas pelo próprio dar amoroso. Dá com as tuas próprias mãos.»

²⁹ Cf., *v.g.*, AMBRÓSIO DE MILÃO – *Cartas*, 18, 16, PL 16, 976A: «a Igreja não tem posses próprias, exceto a fé. Estas rendas e estes benefícios a Igreja comunica-os. As posses da Igreja são a manutenção dos pobres.»

³⁰ Cf., *v.g.*, ATANÁSIO DE ALEXANDRIA [ANÓNIMO] – *Cânones*, 14-16, p. 25-27: «um bispo deve amar os pobres, assim ele será rico, e sua cidade e região o honrará e durante os seus dias à cidade não lhe faltará nada; um bispo deve amar os pobres, assim na sua cidade não haverá pobres, pois a igreja da cidade é rica, pois ninguém será rico senão o Pai e o Filho e o Espírito Santo. [...] Um bispo deve amar os pobres [...] e fazê-los sentar com os ricos. [...] O bispo compassivo visita frequentemente os doentes e os presos, [...] não devendo deixar de, em qualquer Domingo, dar esmola, conhecendo os pobres e os órfãos tão bem como um pai.»

³¹ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Sermões ao povo de África*, 25, p. 266: «todos se admiram ao ver que hoje toda a humanidade converge ao Crucifixo, de imperadores a mendigos nos seus trapos. [...] vêm os dignitários, os ricos, os abastados entre os homens. Todos querem realmente entrar [na Igreja]!»

mesmo tempo que outorgava novos privilégios à Igreja, começou a esperar e a exigir que esta se encarregasse, de uma forma patente e também em nome dos governantes civis, de cuidar dos mais necessitados da sociedade, mormente pela prática da esmola³².

Em consequência de se ter transformado a esmola igualmente num serviço público, a Igreja teve de passar a encarar a doação da esmola, não só face à certeza de um escatológico "juízo divino", mas também face a um eventual "juízo imperial" terreno, no que levou para este terreno diversas disputas de outra natureza³³. Tal ponderação de um "juízo imperial", e tal como os Padres começam a salientar, apenas incrementou a necessidade de a Igreja ser cada vez mais cuidadosa na gestão do dinheiro das esmolas. E isto porquanto a Igreja sabia que a hierarquia estava a ser atentamente controlada, ou pelo menos observada, por parte de um poder imperial ao qual aquela, por vias oblíquas e nem sempre involuntárias, se havia associado de um modo decisivo.

Tudo o que fomos expondo anteriormente neste capítulo, levou a que surgisse, igualmente, outra transformação significativa a nível da prática da esmola por parte da comunidade cristã. Uma que, por sinal, ocorreu apesar de a Igreja se ter tornado substancialmente mais rica do que a maioria da população ocidental, mormente após uma queda do Império Romano do Ocidente que trouxe consigo ainda mais deslocados, exilados, refugiados e escravizados que, independentemente da sua fé, exigiam ser atendidos pela Igreja³⁴. E que mudança foi essa? A de o clero, e entre estes alguns Padres da Igreja, ter começado a apelar, cada vez mais, para que a esmola fosse dada direta e expressamente à Igreja. Quer dizer: sobretudo para os ministros do culto, as

³² Cf., *v.g.*, ATANÁSIO DE ALEXANDRIA – *História dos arianos*, 6, 61s, PG 25, 765C-768D: «o Senhor ordenou que nos lembrássemos dos pobres; Ele disse: "Vende o que tens e dá esmolas", e também: "Eu tive fome e deste-me carne; estava com sede e deste-me de beber; porque assim como fizeste a um destes pequeninos, fizeste isso comigo". Mas estes homens [os arianos], sendo realmente opostos a Cristo, presumiram agir contrariamente à Sua vontade também a esse respeito. [...] Mas esses homens perderam até mesmo os sentimentos mais comuns à humanidade; e aquela bondade que eles teriam desejado encontrar nas mãos de outros, se fossem sofrendores, eles não permitiam que outros a recebessem.»

³³ Cf., *v.g.*, ANÓNIMO – *Codex Theodosianus*, 16, 2, 6. Ed. Gustav Friedrich Haenel. Bonn: Adolph Marcus, vol. 2, 1842, col. 1483: «o rico deve assumir as responsabilidades civis e os pobres devem ser apoiados pela riqueza da Igreja.» Eis uma norma que se reporta a uma lei do Imperador Constantino I do ano de 326.

³⁴ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Exposições acerca dos salmos*, 46, 5, PL 36, 527: «quantas pessoas existem nestes dias que não são cristãos e, não obstante, correm à igreja e pedem a assistência da Igreja! Eles desejam auxílio temporal para eles, ainda que não desejem reinar conosco na eternidade.»

necessidades de preservação e de incremento dos templos e, enfim, a ajuda ao clero e demais fiéis de comunidades eventualmente mais desfavorecidas³⁵.

Efetivamente, quanto maior se foi tomando a necessidade de a Igreja se responsabilizar, também em consequência dos ditames imperiais, pelos pobres, mais aquela se viu na necessidade de solicitar aos seus membros mais ricos para a financiarem para que ela pudesse providenciar a distribuição da esmola. A realidade precedente, por seu lado, acabou por conduzir a que surgissem procedimentos de esmola em que esta acabava por ser dada também, senão mesmo prioritariamente, para que a própria Igreja reconhecesse, para benefício terreno e talqualmente espiritual dos dadores, o papel de benemérito daqueles crentes que mais esmolas davam. Fossem tais esmolas entregues, em vida ou na execução de testamentos, quer em numerário, quer, inclusive e como se tornou gradualmente mais comum, como uma prática crida como juntando também materialmente a Terra ao Céu, em imóveis de uma dimensão maior mas menos numerosos (como igrejas e mosteiros)³⁶, ou menor porém mais comuns (como capelas e jazigos mortuários).

Isto levou ao brotar de duas lamentáveis circunstâncias que muito preocuparam os Padres da Igreja. Em primeiro lugar, compitas e disputas entre os distintos dadores mais ricos que, no que acabou por beneficiar a Igreja e diluir o discurso profético desta mesmo entre alguns Padres, ambicionavam ser bem-vistos pela Igreja e até pela sociedade. Depois, um grande choque entre os novos modos de dar esmola, mais ostensivos, e os mais tradicionais, discretos e humildes.

Também em resposta a estes problemas antes anotados e àquele enriquecimento de uma Igreja tornada indissociável do Império, surgiu e consolidou-se aquilo que pode ser considerado, com toda a propriedade, um novo grupo de "pobres" que também mereceu a atenção dos Padres. Em concreto: os do movimento ascético que, com ligações mais ou menos ténues com as estruturas eclesiais institucionais, praticavam uma pobreza voluntária mediante a renúncia à propriedade privada e/ou partilhando as posses com outros ascetas em comunidade, recebendo para subsistirem (por vezes de modo muito

³⁵ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Segundo sermão de Erfurt*, 3, p. 196s: «ó venerável troca de coisas sagradas [...]. Se os bens do espírito semeados pelos santos ministros superarem incomparavelmente os bens da carne que eles recebem dos fiéis devotos, o que devemos dizer da vida eterna que será dada no final como recompensa preciosa em troca desses bens de baixo valor?»

³⁶ Cf., *v.g.*, ANÓNIMO – *Libri Pontificalis*, p. 88: «esta mulher ilustre deu indicações no texto do seu testamento para que a basílica dos santos mártires fosse construída através da venda dos seus ornamentos e pérolas.»

mais tranquilo e seguro do que as demais pessoas) e distribuindo esmolas em complemento e, por vezes, em competição com o clero³⁷.

Eis uma prática que acabou por fortalecer, na própria Igreja, uma separação em que a maioria admirava a "heroicidade" de tal forma de vida, mas não a vivia, nem a queria viver. E o que é que isto comportou? Diversos elementos, dos quais e para este nosso estudo, o mais relevante foi que tal levou, de algum modo, a que tal maioria, cada vez mais numerosa, se resignasse a, ou até quisesse, assumir o seu fracasso ante a pureza exigente das palavras do Senhor. Um fracasso que, embora tivesse passado lentamente a ser ignorado e até "batizado" com a designação de "triunfo", levou a que muitos cristãos aceitassem, no que acabava por vincar a sua prática, os já mencionados compromissos e consolações que a Igreja lhes oferecia: a esmola e os testamentos em benefício da Igreja.

4. A esmola como "farol" da identidade cristã

Como último elemento deste estudo, resta-nos abordar uma ulterior e decisiva temática. Uma temática que pode ser encarada, não só como a derradeira para acabarmos de delinear, do melhor modo que nos é possível, como é que os Padres da Igreja encaravam "o amor feito ajuda material", mas igualmente como uma espécie de "pedra angular" para o mesmo. Isto é, a parte que, em última consideração e apesar de vir no fim deste ensaio, permitirá que tudo o que de essencial foi exposto antes neste estudo se sustente, elucidando e rematando todos os seus componentes.

Aquela "pedra angular" pode ser encarada, e apresentada, como sendo o facto de que a esmola, concebida como surgindo de um mandamento divino, tenha findado por ser entendida, no período patrístico e como poderá ser facilmente comprovado por todo aquele que se debruçar sobre os textos dos Padres que tratam desse assunto, como uma espécie de "farol" e de "fio de prumo" da identidade cristã.

Com efeito, e para os Padres, ser seguidor do Senhor também passava por entender e, sobretudo, viver (o oferecer) a esmola, não como um peso, nem sequer apenas como uma "penitência", mas como algo conatural e central a uma existência crística ou cristiforme própria de alguém pertencente a

³⁷ Cf., *v.g.*, BASÍLIO DE CESAREIA – *Regra breve*, 302, PG 31, 1295C-D: «não deveremos nós [os monges] dar o que é da nossa posse comum aos não cristãos que passam necessidades? [...] Se tivermos o suficiente em segurança [...] devemos ser generosos [...] pois a Escritura diz que o Sol brilha abundantemente sobre os maus e os bons.»

um povo sacerdotal³⁸. Uma existência que, por conseguinte, era inseparável de uma partilha tangível e corporativa de bens materiais com os necessitados, a nível intracomunitário e intercomunitário, procurando-se, também e desse modo, prover um sentido de crescente unidade no Corpo (eclesial) de Cristo. Aqui temos uma vivência marcada também pelo facto normativo de que a Pessoa de Jesus Se fez pobre para nos enriquecer e, ao mesmo tempo, nos educar, com a Sua pobreza, afirmando, além do mais, a honra e respeitabilidade radical do "pobre", e, inclusive, fazendo deste o Seu mais veraz ícone; a Sua imagem mais perfeita; o Seu "vigário" por antonomásia.

O caminho do pensamento reto e da prática correta não era fácil de discernir, tendo os Padres de caminhar por uma fina "língua de terra", delimitada, por um lado, pela condenação, por Jesus Cristo, das riquezas e da Sua indicação de renúncia à posse (cf., *v.g.*, *Mt.* 6,24), e, por outro lado, pela noção de que a riqueza deveria ser empregada e mantida para sustentar os membros da comunidade (cf., *v.g.*, *Mt.* 5,42). Este facto era particularmente relevante face àqueles que desprezavam, por uma multiplicidade de razões, quer a própria noção de esmola, quer a sua prática. Entre estes, e rejeitando o amor exigente e escorado vivido pelos cristãos também em consequência do amor a Cristo, podemos dizer que existiam três grandes "grupos" que passarão a ser assinalados em seguida.

Em primeiro lugar, temos o paganismo social em sentido lato. Este, tal como já tivemos a oportunidade de mencionar, ignorava os mais "pobres" e, ao mesmo tempo, entendia o valor pessoal (e, às vezes, até a possibilidade de se ser reconhecido como "pessoa") em função da riqueza e do estatuto social, no que facilmente levava ao desprezo pelos pobres³⁹, à avareza face aos bens materiais possuídos e à escravidão perante os que, embora supérfluos, eram desejados.

Depois, estão todas as formas de ascetismo e moralismo extremo. Estas levavam à desconsideração, e até ao desdém total, dos bens materiais, como parece ter sido o caso, embora por motivos e em graus e modos distintos (mas

³⁸ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre Mateus*, 45, 3, PG 58, 474: «não sabes que só ao sacerdote é lícito apresentar o cálice com o sangue do Senhor? Mas Eu, porém – parece [Jesus] dizer-te –, não me preocupo muito com isso. Ainda que sejas tu a oferecer-mo, aceito-o; mesmo que sejas leigo, não o recuso e, além do mais, não peço tanto quanto dou. Não peço sangue, mas umas gotas de água fresca. Considera a quem dás de beber e estremece. Considera que te convertes em sacerdote de Cristo ao ofereceres, pela tua própria mão, não carne, mas pão; não sangue, mas um copo de água fresca.»

³⁹ Cf., *v.g.*, AGOSTINHO DE HIPONA – *Exposições acerca dos salmos*, 149, 10, PL 37, 1954: «esse tipo de pessoas mantém os pobres escravos, porque o povo não as aclama quando dão algo aos pobres, enquanto grita quando elas [o] dão ao gladiador. Portanto, se eles não são aplaudidos, elas não dão.»

todos eles tendentes a uma relativa desvalorização da bondade de realidades que os cristãos sabiam não serem condenadas por Deus), do encratismo, de Marcião de Sinope, daquele monaquismo que surgiu na peugada de Mani o Persa e até do pelagianismo⁴⁰.

Por fim, encontram-se os gnósticos, com tendências mais ou menos propensas a negar a realidade material do corpo de Jesus e de Jesus eucarístico⁴¹. Estes desconsideravam o corpo, em especial, e numa expressão de vivência avara e de falta de caridade, o dos "pobres", num claro contraste face a um Jesus que: incarnou verdadeiramente; teve necessidades corporais; amou os "pobres"; cuidou integralmente do corpo daqueles; e, enfim e como todos devemos saber, nasceu pobre, viveu ainda mais pobre e, sobretudo, morreu paupérrimo, numa cruz para onde convergiram o "louco" amor divino e o demente desamor humano.

Vemos, por conseguinte, que a esmola, nunca devendo ser pedida falsamente sob pena de subverter e perverter o que ela mesma significava e poderia alcançar⁴², acabava por ser, para os Padres da Igreja, um elemento socialmente aglutinador e resguardante, a nível material e espiritual, para quem a assumia e praticava. Todavia, para quem a evitava, a esmola (ou melhor, a omissão da mesma) era talqualmente e sem sombra de dúvida, uma realidade social e eclesialmente separadora e, sobretudo do ponto de vista espiritual, perigante.

Esta última realidade anotada não deixou nunca de ser firmemente anunciada e denunciada, com firmeza e alguma tristeza. Efetivamente, não praticar a esmola acabava por ser um pecado de desumanidade que destruía os elos de solidariedade e interdependência na sociedade e no Corpo (eclesial) de Cristo. Mas não só: ao se recusar ser um administrador dos bens que pertencem ao Deus-Amor que é o Grande Benfeitor, acabava-se por distorcer ou

⁴⁰ Cf., *v.g.*, PELÁGIO DA BRETANHA – *Acerca da riqueza*, 12, 2, p. 292: «eliminem-se os ricos e não encontrareis pobres.»

⁴¹ Cf., *v.g.*, INÁCIO DE ANTIOQUIA – *Carta aos Esmirniotas*, 6s, PG 5, 712B-713A: «vede aqueles que são de uma opinião diferente em relação aos dons gratuitos de Cristo que veio a nós, e vede como eles são contrários à vontade de Deus. Eles não têm consideração pelo amor, nenhum pela viúva, nenhum pelo órfão, nenhum pelo oprimido; nenhum pelo cativo ou pelo que foi resgatado, nenhum pelo famintos ou pelo sedento [...] [também] porque se abstêm da Eucaristia e da oração, pois eles não confessam a Eucaristia como sendo a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, carne que sofreu por nossos pecados, e que o Pai, pela Sua bondade, ressuscitou.»

⁴² Cf., *v.g.*, ANÓNIMO – *Didaqué*, 1, p. 140: «feliz aquele que dá segundo o mandamento, pois é inocente, mas ai daquele que [...] não tem necessidade, [a quem] se pedirá contas acerca do que tomou e do motivo de o ter feito. E uma vez feito prisioneiro, será examinado em tudo o que fez, e não sairá dali até que tenha devolvido o último cêntimo.»

obscurer o ser imagem e semelhança d'Aquele⁴³. E pior ainda: aquele que não dava esmola acabava por se tornar como que num deícida, pois deixar morrer o pobre, com quem Jesus Se identifica de modo tão íntimo, era como deixar o próprio Deus morrer.

No cenário anterior, e para findarmos este muito breve apartado do nosso estudo, os Padres da Igreja estimavam que não viver (oferecer) a esmola, no quotidiano da existência crente, levava a que tal identidade acabasse por se diluir, podendo até, em última análise, fazer com que os crentes enveredassem por gestos idólatras e até apostatassem⁴⁴. Isto é, que abandonassem, de modo voluntário e mediante distintos comportamentos, a fé cristã, realidade esta que, mormente durante o tempo das perseguições, exclusiva ou inclusivamente, dirigidas aos cristãos, fora sempre mais patente entre as pessoas mais abastadas.

Palavras finais

«Não penso que se possa determinar quanto devemos dar. Receio que a única regra segura é dar mais do que podemos poupar»⁴⁵.

Apesar de, na verdade, reconhecermos que este nosso trabalho precisaria de ser muito mais polido e detalhado, não o pretendemos prolongar, também para seguirmos o que nos foi pedido (e já referimos na "Introdução" deste estudo): o procurar limitar-nos maximamente ao que apresentámos na nossa palestra durante as Jornadas de Teologia de 2018, organizadas pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa no Porto. Deste modo, resta-nos apresentar um breve remate ao que foi sendo trazido por nós para estas páginas.

⁴³ Cf., *v.g.*, GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Oração acerca do amor aos pobres*, 26s, PG 35, 892C-893A: «não busques distinguir-te dos demais senão pela tua generosidade; sê um deus para os pobres imitando a misericórdia de Deus, [...] [pois] não há nada no homem tanto de Deus como fazer uma oferta de bens.»

⁴⁴ Cf., *v.g.*, JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias sobre João*, 65, 3, PG 59, 364: «São Paulo não conseguiu convencer os homens contra o apego ao dinheiro. E qual a razão de ele chamar a isso de "idolatria"? Muitos possuem riquezas, mas não a dão [aos necessitados], antes a consagram, mantendo a mesma guardada preciosamente, destinada aos sobrinhos ou demais herdeiros, como se fosse uma coisa sagrada. E se, num dado momento, eles forem forçados a fazê-lo, eles sentem como se tivessem feito algo de ilegal.»

⁴⁵ LEWIS, C. S. – *Mere Christianity*. New York: Macmillan, 1960, p. 77.

Ora bem, face a tudo o que vimos, talvez possamos dizer que, para os Padres da Igreja, a esmola é um meio, inscrito por Deus no coração do ser humano e integrado numa esperança escatológica, de humanização e, até, de cristificação. E isto, a caminho da comunhão definitiva com o Pai no Espírito Santo, através de uma configuração com a munificência e a justiça d'Aquele maximamente revelada no Senhor. Um meio de amor graças ao qual, quer o "pobre", quer o "rico", podem, pelo mesmíssimo gesto, acolher uma salvação que, apesar de ser entendida e expressa num amplo leque de sentidos, é desejada por Deus para ambos.

A aludida salvação acaba por surgir refletida, também por uma crescente racionalidade teológica que chegou a opor-se ao eclesial, como um processo contínuo, no seio de uma comunidade integral, de persistente cultivo de virtudes espirituais e morais que permitia uma transformação que comportava ações teologais escoradas pela própria esmola. Deste modo, a esmola, dimando da verdade e da exigência inerentes a se ser crente e incrementando a efetividade das demais virtudes, torna-se um dos mais marcantes elementos distintivos e unitivos no seio, sobretudo, mas não só, do "Corpo de Cristo" que é a Sua Igreja. Aquela Igreja que, se acolhe, deve ser para transmitir; se tem, deve ser para oferecer; se busca encontrar, deve ser para dar.

Se esse é o caso, e estamos firmemente convictos de que é, talvez se deva admitir e constatar, juntamente com parte significativa dos Padres que estudamos, que quem quiser seguir na pegada do Senhor sem enfrentar, a fundo, a questão da esmola no cenário delineado pela relação entre a "riqueza" e a "pobreza" (também, mas não só, materiais) acabará por deixar de lado uma questão evangélica fulcral. Uma questão que, apesar de muitos esforços e por mais que se queira ignorar práticas e opções adquiridas e congeladas com o tempo no fio frio do desamor, continuará a afligir a Igreja e a sua credibilidade.

Inclusive por causa disto o pontificado de Francisco tem sido um extraordinário dom de Deus também para a Sua Igreja, pois aquele bispo de Roma não se tem cansado de tentar que nos deixemos incomodar verdadeiramente por aquela aflição e, depois, a queiramos, não anestesiar, mas superar encarando a realidade na linha de uma interpretação e vivência evangélica séria, e não edulcorante, do que referimos mais acima. Face a isto, como é que se pode ficar indiferente quando ouvimos, e lemos, tantas opiniões de quem não tem pejo em afirmar que a Igreja não deve mudar nada, inclusive quanto ao modo como vive com a riqueza e a pobreza, porquanto Francisco é passageiro? «Deus é perfeito em Seu caminho» (*Sal.* 18,31), mas o ser humano resiste em não se deixar guiar pelo Seu Espírito.

Bibliografia

Fontes patrísticas

ANÓNIMO – *Carta de Barnabé*, PG 2, 727-781B.

ANÓNIMO [COMUNIDADE CRISTÃ DE ROMA] – *Carta de 'Clemente' Romano*, PG 1, 201B-328B.

ANÓNIMO – *Didaqué*, SCh 248.

AGOSTINHO DE HIPONA – *Diálogo acerca da ordem*, PL 32, 977-1020.

——— *Exposições acerca dos salmos*, PL 36, 69-PL 37, 1696.

——— *Sermões*, PL 38, 23-PL 39, 1718.

——— *Segundo sermão de Erfurt*. Ed. Clemens Weidmann. *Wiener Studien*. 123 (2010) 193-208.

——— *Sermões ao povo de África*. Ed. François Dolbeau. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1996.

AMBRÓSIO DE MILÃO – *Acerca de Naboth*, PL 14, 731A-756B.

——— *Acerca de Tobias*, PL 14, 759A-794B.

——— *Cartas*, PL 16, 875B-1286A.

——— *Sobre os ofícios*, PL 16, 23A-184B.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA – *História dos arianos*, PG 25, 696A-796C.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA [ANÓNIMO] – *Cânones*. Ed. Wilhelm Riedel; Walter Ewing Crum. London: Williams and Norgate, 1904.

BASÍLIO DE CESAREIA – *Homilias*, PG 31, 164A-617B.

——— *Regra breve*, PG 31, 1080C-1320A.

CIPRIANO DE CARTAGO – *Acerca das obras e da esmola*, PL 4, 601D-622B.

——— *Cartas*, PL 4, 191A-438C.

——— *Sobre o Pai-Nosso*, PL 4, 519D-544A.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA – *Miscelâneas*, PG 8, 685A-PG 9, 601B.

——— *Qual o rico que se salva?*, PG 9, 604A-652C.

GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Oração acerca do amor aos pobres*, PG 35, 857A-909C.

GREGÓRIO DE NISSA – *A grande catequese*, PG 45, 9A-105C.

——— *Homilias acerca do amor aos pobres*, PG 46, 453A-489B.

——— *Homilia contra aqueles que praticam usura*, PG 46, 433A-452D.

HERMAS – *O Pastor*, PG 2, 892-1012.

INÁCIO DE ANTIOQUIA – *Carta aos Esmirniotas*, PG 5, 708A-717C.

JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilia acerca da esmola*, PG 51, 261-272.

——— *Homilias sobre Lázaro*, PG 48, 963-1054.

——— *Homilias sobre Mateus*, PG 57, 13-PG 58, 794A.

——— *Homilias sobre João*, PG 59, 23-482.

——— *Homilias sobre a primeira carta a Timóteo*, PG 62, 501-600.

——— *Homilias sobre a segunda carta aos Coríntios*, PG 61, 381-610.

LACTÂNCIO – *Instituições divinas*, PL 6, 111A-822A.

LEÃO MAGNO – *Sermões*, PL 54, 141A-522D.

NILO DE ANCIRA – *Acerca da pobreza voluntária*, PG 79, 968C-1060D.

ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Contra Celso*, PG 11, 641A-1632C.

——— *Homilias sobre o Levítico*, PG 12, 405A-574B.

PAULINO DE NOLA – *Cartas*, PL 61, 153A-420C.

PELÁGIO DA BRETANHA – *Acerca da riqueza*. Ed. Andreas Kessler. Freiburg: Universitätsverlag Freiburg Schweiz, 1999.

POLICARPO DE ESMIRNA – *Carta aos Filipenses*, PG 5, 1005A-1022.

SOFRÔNIO DE JERUSALÉM – *Milagres de São Ciro e João*, PG 87, 3380A-3696C.

TERTULIANO DE CARTAGO – *Acerca da idolatria*, PL 1, 663B-696B.

——— *Contra Marcião*, PL 2, 246B-524B.

Estudos

ALLEN, Pauline; NEIL, Bronwen; MAYER, Wendy, ed. – *Preaching Poverty in Late Antiquity: Perceptions and Realities*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2009.

ATKINS, Margaret; OSBORNE, Robin, ed. – *Poverty in the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BIANCO, Maria Grazia; DANIELI, Maria Ignazia, et al. – *Ricchezza – Povertà nei Padri della Chiesa*. Roma: Borla, 2012.

BROWN, Peter – *Poverty and Leadership in the Later Roman Empire*. Hanover; London: University Press of New England, 2002.

——— *Through the Eye of a Needle: Wealth, the Fall of Rome, and the Making of Christianity in the West (350-550 AD)*. Princeton; Woodstock: Princeton University Press, 2013.

——— *The Ransom of the Soul: Afterlife and Wealth in Early Western Christianity*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2015.

——— *Treasure in Heaven: The Holy Poor in Early Christianity*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2016.

COOPER, Kate; HILLNER, Julia, ed. – *Religion, Dynasty, and Patronage in Early Christian Rome (300-900)*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007.

COULANGE, Pierre – *Dieu, ami des pauvres: étude sur la connivence entre le Très-Haut et les petits*. Fribourg: Academic Press Fribourg; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.

COUNTRYMAN, Louis William – *The Rich Christian in the Church of the Early Empire: Contradictions and Accommodations*. New York: Edwin Mellen Press, 1980.

CRISLIP, Andrew T. – *From Monastery to Hospital: Christian Monasticism and the Transformation of Health Care in Late Antiquity*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.

- DELAGE, Pascal, ed. – *Les Pères de l'Église et la voix des pauvres*. La Rochelle: Histoire et Culture, 2006.
- DOWNS, David J. – *Alms: Charity, Reward, and Atonement in Early Christianity*. Waco: Baylor University Press, 2016.
- DUNN, Geoffrey D., ed. – *The Bishop of Rome in Late Antiquity*. London; New York: Routledge, 2016.
- FINN, Richard – *Almsgiving in the Later Roman Empire: Christian Promotion and Practice (313–450)*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- FIREY, Abigail – *A New History of Penance*. Leiden; Boston: Brill, 2008.
- GARNSEY, Peter – *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World: Responses to Risk and Crisis*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1989.
- HOLMAN, Susan R. – *The Hungry are Dying: Beggars and Bishops in Roman Cappadocia*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- HOLMAN, Susan R., ed. – *Wealth and Poverty in Early Church and Society*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.
- HOWARD-BROOK, Wes – *Empire Baptized: How the Church Embraced what Jesus Rejected (2nd-5th Centuries)*. Maryknoll: Orbis Books, 2016.
- LAW, Timothy Michael – *When God spoke Greek: The Septuagint and the making of the Christian Bible*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2013.
- MALHERBE, Abraham J. – *Social Aspects of Early Christianity*. Barton Rouge; London: Louisiana State University Press, 1977.
- NERI, Valerio – *I marginali nell'Occidente tardoantico: poveri, 'infames' e criminali nella nascente società Cristiana*. Bari: Edipuglia, 1998.
- PATLAGEAN, Evelyne – *Pauvreté économique et pauvreté sociale à Byzance (4^e-7^e siècles)*. Paris: Mouton, 1977.
- POSCHMANN, Bernhard – *Paenitentia Secunda: Die kirchliche Busse im ältesten Christentum bis Cyprian und Origenes: Eine dogmengeschichtliche Untersuchung*. Bonn: Peter Hanstein, 1940.
- RAPP, Claudia – *Holy Bishops in Late Antiquity: The Nature of Christian Leadership in an Age of Transition*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2013.
- REE, Helen – *Loving the Poor, Saving the Rich: Wealth, Poverty, and Early Christian Formation*. Grand Rapids: Baker Publishing, 2012.
- ROUSSEAU, Philip – *Ascetics, Authority, and the Church in the Age of Jerome and Cassian*. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- SALZMAN, Michele Renee – *The Making of a Christian Aristocracy: Social and Religious Change in the Western Roman Empire*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2009.
- THORNTON, James – *Wealth and Poverty in the Teachings of the Church Fathers*. Berkeley: Saint John Chrysostom Press, 1993.

- VEYNE, Paul – *Quand notre monde est devenu chrétien: (312-394)*. Paris: Albin Michel, 2009.
- WESSEL, Susan – *Passion and Compassion in Early Christianity*. New York: Cambridge University Press, 2016.
- WHEATLEY, Alan B. – *Patronage in Early Christianity: Its Use and Transformation from Jesus to Paul of Samosata*. Eugene: Wipf and Stock, 2011.
- WIMBUSH, Vincent L.; VALANTASIS, Richard, ed. – *Asceticism*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1998.
- ZIESLER, John A. – *Christian Asceticism*. Grand Rapids: Eerdmans; London: SPCK, 1973.

Outras obras

- ANÓNIMO – *Codex Theodosianus*. Ed. Gustav Friedrich Haenel. Bonn: Adolph Marcus, vol. 2, 1842.
- ANÓNIMO – *Libri Pontificalis*. Ed. Theodor Mommsen. Berlin: Weidmann, vol. 1, 1898.
- KITTO, Humphrey D. F. – *Os Gregos*. 3.^a ed. Coimbra: Arménio Machado, 1990.
- LEWIS, C. S. – *Mere Christianity*. New York: Macmillan, 1960.